



Hernani Bettencourt\*

## Casa da Autonomia ou casa do Big Brother?

A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores é, desde há muito tempo, um sítio pouco recomendável a pessoas sensíveis. No dia que se der início às transmissões do “Canal Parlamento” (que continue na gaveta por muitos anos!), para além da enorme criatividade que será necessária para preencher os tempos dedicados a pausas, intervalos e afins, convém, antes do início de cada sessão parlamentar colocar aqueles avisos que estamos habituados a ver nos filmes ou séries com linguagem e cenas que podem ferir a suscetibilidade dos espetadores.

O período legislativo de setembro (plenário) foi, infelizmente, apenas mais uma capitulação de um triste filme que roda há demasiado tempo. Acusações de dedo em riste; dedos obscenos; gritaria e muita, muita, falta de noção e, já agora, de vergonha. Por vezes, como ouvi por aí, fica a dúvida se estamos na “Casa da Autonomia” ou na “Casa do Big Brother”.

Da minha parte, até preferia que fosse mesmo na “Casa do Big Brother”. E sabem porquê? É que nesta podemos “expulsar” semanalmente quem não se comporta convenientemente. Na “Casa da Autonomia” temos de esperar pelo fim do mandato. Teremos mesmo? Vamos, mesmo, continuar a assistir a isto durante mais dois anos? A resposta só pode ser dada pelos inquilinos da casa.

Está nas mãos destes dignificar a Autonomia. E, para tal, não pode existir sondagem nenhuma que justifique esta contínua luta na lama. O Povo, e não me refiro à meia dúzia que teima em assistir a espetáculos degradantes, devia merecer o respeito de quem o está temporariamente a

representar. Arrastar esta situação significa ser cúmplice de um período muito negro na Autonomia. Exige-se, a quem tem poder regimental para tal, que avance rapidamente para uma clarificação. O medo do veredito popular a tal ação não pode ser sequer colocado em cima de nenhuma mesa. Nem em pensamento! Está em causa o bom nome e a imagem dos Açores.

O primeiro órgão da Autonomia não é, não pode ser, aquilo que todos vemos. Desculpem a minha extrema sensibilidade, mas a escalada verbal a que temos assistido (e ainda bem que na transmissão não se ouve o que dizem terceiros), conjugada com as acusações de todos os tipos que se fazem ao Governo e do Governo a alguns Deputados e, ainda, a um clima de suspeição que paira no ar, exige medidas. Para ontem! É tempo dos representantes do Povo, pelo menos os mais sentados, saírem da redoma onde estão. É tempo de deixar o individual e colocar o chip do coletivo. É tempo de ouvir e respeitar o mundo real. É tempo de agir e não de fazer de contas. É tempo de senadores! É tempo, por isso, de dar ouvidos ao Doutor José Contento que no seu mais recente artigo de opinião terminava escrevendo que “Urge libertar os Açorianos desta bolha de caos.” De que está à espera o PS?

\*Jurista



Manuel Pacheco\*

## Parlamento açoriano, *quo vadis?*

O mês de setembro marcou a *rentrée* dos trabalhos da 3ª Sessão Legislativa na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores após as férias de verão. Dentro dos possíveis, fui, talvez como muitos outros açorianos, acompanhando os trabalhos em discussão e, para meu espanto, de tantas sessões parlamentares que já acompanhei ao longo dos últimos anos, esta marcou-me, pela negativa.

Foram horas de deputados dos vários grupos políticos a apontarem o dedo uns aos outros, a irem vasculhar o passado com assuntos do arco da velha até à “Dona Maria”. Foi, inclusive, preciso o Presidente da Assembleia, Luís Garcia, estar constantemente a chamar a atenção aos senhores deputados, acabando por decretar uma pausa de dez minutos na sessão. Fez-me recordar os tempos de escola primária em que os mais traquinas estavam no fundo da sala a fazer barulho com o professor a mandar parar...

Valeu, quase no fim da sessão, o deputado do PAN, Pedro Neves, ter reconhecido o que se tinha passado naquele dia, que não serviu para “elevar este debate”, assistindo-se a uma “troca de galhardetes e uma lavagem de roupa suja”, mostrando-se até um pouco envergonhado como deputado com tal situação.

Julgo que não é isso que os açorianos querem ver no parlamento açoriano, mas sim deputados democraticamente eleitos para defenderem os interesses da região e dos açorianos e discutirem medidas e políticas efetivas para melhorar a região em que vivemos, ainda mais na atual conjuntura internacional.

A par disto, numa sessão de perguntas em que o principal assunto era o Gabinete de Prevenção da Corrupção e Transparência, exigido pelo CHEGA, o seu único deputado estar mudo não é muito coerente nem abona a seu favor.

Posto isto, na minha modesta opinião, também não é muito correto estar o plenário reunido e vários deputados, secretários, incluindo o Presidente e o Vice-Presidente do Governo, estarem ausentes por motivos de agenda pública.

Penso que em semana de plenário o foco de todos deverá ser única e exclusivamente a sessão plenária para discutirem e debaterem as políticas no interesse dos Açores e dos açorianos e não se assistir a sessões de perguntas ao Governo onde nem o Presidente ou Vice-Presidente estão presentes. Exceto motivos de força maior ou por grande impossibilidade, a agenda dos membros do Governo deveria ser organizada tendo em conta os trabalhos em plenário.

Os açorianos, acima de tudo, dirigiram-se às urnas para eleger um Presidente, não um Secretário Regional (não menosprezando a sua importância). Uma revisão do regimento seria, portanto, a meu ver, importante.

\* Mestrando em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico, UAc